

O Globo, 10 de abril de 2020

Opep quer cortar produção de petróleo. Entenda como isso afeta o Brasil e a sua vida

Após acordo liderado pelo cartel de petróleo, G-20 discute nesta sexta esforço para frear queda livre da 'commodity'

Por: Manoel Ventura, Ramona Ordoñez e Alexandre Rodrigues

Com o fim da guerra de preços travada entre Rússia e Arábia Saudita, dois dos maiores produtores do mundo, os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e seus aliados, que formam a coalizão Opep+, concordaram em uma teleconferência na quinta-feira em contribuir para uma redução global da produção da commodity.

Será um esforço conjunto para reduzir a oferta do petróleo no mundo e tentar evitar uma queda ainda maior dos preços internacionais do produto, que despencaram diante da pandemia do coronavírus.

Mesmo com o acordo, o barril do tipo Brent fechou em queda de 4,14%, a US\$ 31,48, na quinta-feira. O compromisso no âmbito da Opep é provisório, já que uma reunião de ministros da área de energia do G-20, o grupo que reúne as maiores economias do planeta, está marcada para esta sexta-feira para discutir um corte na produção ainda maior.

O petróleo em queda pode significar gasolina mais barata no seu tanque, mas também uma menor arrecadação com royalties, por exemplo. Entenda o que está em jogo nessa discussão e como ela pode afetar o Brasil e a sua vida:

A dinâmica internacional do mercado

Como é formado o preço do petróleo?

Por se tratar de uma commodity, como são chamadas matérias-primas e gêneros alimentícios como grãos, o petróleo tem o seu preço definido internacionalmente. Quando os países produtores aumentam a produção e

os consumidores compram menos, sobra petróleo no mercado e os preços caem. Já menor oferta e maior demanda empurram o preço para cima. A expectativa sobre produção e consumo é decisiva na formação dos preços, já que os barris são negociados em contratos futuros.

Por que os preços do petróleo despencaram no mundo?

O petróleo começou o ano em alta devido aos temores de que o ataque dos EUA a um comboio iraniano no Iraque — que resultou no assassinato do principal líder militar do Irã — desencadearia uma guerra no Oriente Médio, a principal região produtora do mundo. Isso reduziria a produção e escoamento do petróleo. A expectativa de menor oferta elevou o preço do barril a mais de US\$ 65.

Com os sinais de que não haveria uma guerra, os preços voltaram a cair, para um patamar de US\$ 40 o barril, particularmente a partir da suspensão de atividades econômicas na China por causa do surto do novo coronavírus. Os sinais de redução do consumo de petróleo da segunda maior economia do mundo, uma das maiores importadoras do produto, começou a acelerar a trajetória de queda dos preços.

O agravamento da pandemia, com o contágio estendido a praticamente todos os países do mundo, seguido pela limitação de atividades produtivas e da mobilidade em escala global para conter o vírus derrubaram de vez a cotação do barril, que chegou a ser negociado abaixo do patamar de US\$ 25 nas últimas semanas.

Com aviões sem levantar voo, automóveis nas garagens e indústrias demandando menos energia, o consumo de combustíveis despencou, assim como a demanda pelo petróleo e o seu preço.

Perdas e danos

Quem ganha com a baixa no preço do petróleo?

A queda do petróleo pode significar uma boa notícia para os motoristas, por exemplo, porque o preço de combustíveis derivados da commodity, como gasolina e óleo diesel, tendem a cair na bomba. Segmentos industriais também podem se beneficiar com o barateamento dessa fonte de energia.

Quem perde com o preço do barril em queda?

Para as petroleiras, que precisam investir altos recursos para extrair petróleo, muitas vezes em condições adversas, o preço muito baixo do barril torna essa atividade inviável comercialmente. Dessa forma, elas tendem a abandonar projetos mais custosos, reduzindo a geração de empregos em toda a cadeia e riqueza em determinadas regiões.

Petroleiras no mundo tudo estão cortando despesas. A Petrobras já anunciou redução da produção, de investimentos e até de jornada e de salário de mais de 20 mil funcionários. Nos Estados Unidos, o temor é de perda de milhares de empregos na indústria de petróleo não convencional (shale gas), uma das técnicas mais caras. Os EUA estão muito interessados na redução da produção para elevar o preço do barril.

A queda nos preços também ameaça a estabilidade de países dependentes do petróleo, já que suas economias ficam mais fracas e cai a arrecadação de impostos.

No Brasil, estados e cidades em regiões produtoras, como a costa que vai do Espírito Santo a São Paulo, já enfrentam queda de até 40% na receita com royalties e participações especiais este ano. A União também perde receitas e isso pode dificultar os investimentos públicos num momento de crise sanitária.

Por outro lado, alternativas ao petróleo, como o etanol ou a mobilidade movida a eletricidade, ficam menos competitivas com o preço baixo da commodity.

O cartel internacional

Afinal, o que é a Opep?

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) é uma organização internacional que foi criada em 1960 pelos maiores produtores mundiais de petróleo para centralizar estratégias sobre produção e venda da commodity no mundo. Na prática, formaliza um cartel de países produtores capaz de influenciar no preço do barril. Atualmente, seus membros concentram 75% das reservas provadas de petróleo no mundo. São eles: Argélia, Angola, Equador, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Catar,

Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Venezuela. A Opep tem sua sede em Viena, na Áustria.

Quanto da produção mundial a Opep quer cortar?

Os países da coalizão Opep+ decidiram reduzir sua produção em cerca de 10 milhões de barris por dia em maio e junho. O enxugamento pode ser menor nos meses seguintes, de 8 milhões por dia a partir de julho e de 6 milhões por dia a partir de janeiro de 2021. Os dois maiores produtores da aliança, a Arábia Saudita e a Rússia, vão reduzir a produção para cerca de 8,5 milhões de barris por dia, com todos os membros concordando em reduzir a oferta em 23%, disseram participantes da reunião.

O Brasil faz parte da Opep?

Não. Com a descoberta do pré-sal, o Brasil se tornou um dos dez maiores produtores de petróleo do mundo. No entanto, o país não ingressou na Opep. No ano passado, em visita à Arábia Saudita, o presidente Jair Bolsonaro recebeu um convite para que o Brasil ingresse na organização e ficou de analisar a proposta. Autoridades brasileiras, no entanto, já sinalizaram que isso não interessa ao país.

E o Brasil com isso?

O Brasil vai seguir a Opep e reduzir a sua produção?

O Brasil produz atualmente cerca de 3 milhões de barris de petróleo por dia, sendo dois terços desse total oriundos da Petrobras. A estatal já anunciou recentemente uma redução de 200 mil barris em sua produção diária, atualmente no patamar de pouco mais de 2 milhões de barris, mas o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, descarta uma redução significativa da produção brasileira.

Uma das razões é o fato de a produção brasileira estar a cargo de empresas privadas e da Petrobras, que tem controle estatal, mas é uma empresa de capital aberto, com sócios privados.

O governo adota a postura de não interferir na empresa, cujos administradores têm o dever de zelar pelo melhor interesse da companhia.

Segundo o ministro, o governo não teria instrumentos legais para assumir compromissos com a Opep e forçar as empresas a reduzirem sua produção.

Mas o Brasil realmente não tem como reduzir sua produção?

Para a consultora e ex-diretora-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), Magda Chambriard, o país só conseguirá reduzir substancialmente sua produção por meio de decisão voluntária da Petrobras, mesmo assim apenas nos campos produtores que a estatal explora sozinha. Nos que ela tem parceiros privados, terá que buscar a concordância deles para qualquer corte na produção.

Ainda que as outras empresas concordem, esse tipo de medida pode ainda depender da manifestação de órgãos de defesa da concorrência.

— Combinar preço é ilegal, temos uma lei de defesa da concorrência. A menos que o Congresso faça alguma mudança na lei ou o governo edite alguma medida provisória para permitir reduzir produção – observa Magda Chambriard.

Edmar Almeida, professor do Instituto de Economia da UFRJ, concorda que o Brasil não tem meios de impor cotas de produção às empresas que produzem petróleo no país, mas avalia que seria positivo se tanto a Petrobras como as outras petroleiras fizessem um corte voluntário da produção:

— O espaço de negociação do Brasil tem que ser aquilo que as empresas estão dispostas a fazer do ponto de vista econômico.

Reduzir a produção seria bom ou ruim para o país?

Para especialistas, a redução significativa da produção no Brasil pode aprofundar a crise econômica com a redução de empregos e investimentos e também da arrecadação de tributos, royalties e participações especiais por estados e municípios produtores e a União.

No entanto, o professor do Instituto de Economia da UFRJ Edmar Almeida, especialista em óleo e gás, acredita que poderá ser positivo empresas que atuam no Brasil aderirem ao corte na produção de forma voluntária. Isso porque se o preço do petróleo subir como planeja a Opep, a redução da produção seria compensada.

Para o especialista, dialogar com a Opep neste momento é importante para o Brasil, já que “não estamos em um momento normal”.

— Mas tem que ser um corte voluntário das empresas — frisa Almeida.

Por que a Petrobras reduziu sua produção recentemente? Diminuir ainda mais prejudicaria a empresa?

A Petrobras anunciou dois cortes de produção desde o agravamento da crise provocada pela pandemia de coronavírus, totalizando uma redução de 200 mil barris na produção diária.

A empresa tomou essa decisão diante da queda dos preços do petróleo e da forte redução na demanda por combustíveis como a gasolina com a adoção de medidas de isolamento dos que podem ficar em casa em praticamente todas as cidades do país.

Segundo dados do setor, nos grandes centros urbanos do país o consumo de combustíveis já caiu 60%. Nas rodovias, a queda é da ordem de 40%.

A produção de derivados foi reduzida nas refinarias e a estatal tem limitações para estocar petróleo cru. Por outro lado, reduzir drasticamente a produção da Petrobras pode ampliar a queda nas receitas da empresa se o esforço da Opep falhar e o preço da commodity não subir de forma expressiva.

A estatal é uma das petroleiras mais endividadas do mundo, precisa fazer caixa e acelerar a exploração das reservas do pré-sal, que estão entre as mais competitivas do mundo. O baixo custo da produção no pré-sal mantém as atividades da Petrobras na região viáveis economicamente mesmo no atual patamar do preço do barril.

Link original: <https://oglobo.globo.com/economia/opep-quer-cortar-producao-de-petroleo-entenda-como-isso-afeta-brasil-a-sua-vida-24363950>